

## **DO TEMPO ABSOLUTO AO TEMPO 5D EÓNICO**

---

*Manuel José Lopes da Silva*

### **Introdução**

A questão do tempo é tão antiga como a Filosofia. Ela surge já nos pre-socráticos intimamente associada à relação ontológica fundamental Ser/Devir, é retomada dentro da filosofia platónica principalmente no “Timeu” e posteriormente na “Física” de Aristoteles.

Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino não deixam também de reflectir sobre o tempo, sendo a contribuição do primeiro tão notável que ainda continua a influenciar o pensamento contemporâneo. O espírito da modernidade, sob a influência de Galileu, Descartes e Newton retoma a questão propondo um tempo abstracto, matemático e mecanicista que passou a designar-se por Tempo Absoluto e dominou o pensamento ocidental por cerca de duzentos anos.

Porém, este tempo é um tempo reversível totalmente inadequado às ciências da vida que foram surgindo durante o Sec.XIX.

A Teoria da Relatividade recusa o Tempo Absoluto e propõe um Tempo Relativo, mas este ainda é reversível.

A Biologia e a Sistemica contemporâneas, além da Mecânica Estatística, insistem numa Flecha do Tempo sem a qual os fenómenos essenciais da ciência de hoje seriam inexplicáveis.

É neste quadro de reflexão que a proposta do super-tempo eónico feita pela ontóloga e fenomenóloga Hedwig Conrad-Martius, de Munique, tem o maior interesse.

Além de propor uma perspectiva metafísica estimulante da Geometrodinâmica ou Teoria Relativista da Gravitação ou, mais popularmente Relatividade Geral, introduz uma 5.<sup>a</sup> Dimensão supra temporal mediante a qual propõe uma explicação para os fenómenos de “vidência temporal” que continuam a ser estudados em várias instituições de que se destaca o Stanford Research Institute.

A dificuldade em atingirmos a natureza do tempo tem que ver com a situação radical da nossa subjectividade porque, como diz Heidegger somos seres no tempo somos mesmo seres para a morte e esta é a grande aporia contemporânea.

Conrad-Martius propõe sugestivas perspectivas para ultrapassar uma possível visão negativa da temporalidade, insistindo frequentemente na invocação do primado da nossa vida psíquica sobre a puramente física.

## **O enigma do tempo**

Platão relata no “Timeu” “como surgiu o tempo: Então quando o Pai que havia produzido o Todo o viu mover-se e viver, chegando a ser uma imagem dos deuses imortais, encheu-se de contentamento por isso e, na sua alegria, decidiu fazê-lo ainda mais semelhante ao seu modelo. E como este modelo é ele mesmo um vivente imperecível, procurou conformar aquele todo da maneira mais semelhante a ele. Mas como a natureza do supremo vivente era eterna e não era possível transpô-la inteiramente sobre o produzido, decidiu criar uma cópia móvel do eterno e, para conferir simultaneamente a organização interna ao edifício, formou do eterno que persiste na unidade, uma cópia eterna que avança segundo a pluralidade dos números, chamando-se a isto “Tempo”.

Assim aparece claramente afirmada a relação paralela e quase-física, entre o “cosmos noetos” e o “cosmos aistetos”.

De facto o tempo deste mundo sensível é uma simples imagem “eterna” da eternidade, dum tempo eterno, quer dizer eónico, ou ainda uma eternidade temporal, ou um éon temporal.

Na sequência da descrição destes dois “cosmos” paralelos Platão atribui à “cinética espacial” ou seja aos movimentos cíclicos dos astros, ou física do Mundo, as mesmas leis da “cinética espiritual” existentes no cosmos noetos, pelo que tal modelo é um Deus feliz que se contempla a si próprio na sua circularidade eterna.



Tempo é aqui organização temporal do Mundo, o governo do tempo.

Aristóteles recusa este modelo dual e explica os movimentos cíclicos do Mundo pela natureza finalística ou teleológica das esferas, em que as interiores tendem a mover-se como as exteriores, havendo um Motor Imóvel na periferia do Mundo, que esse sim, tudo faz mover.

Este Motor Imóvel dispensa por isso a Alma Universal que propunha Platão.

Para Aristóteles a esfera mais exterior do céu, a periferia eónica, e com ela o universo na sua totalidade não estão nem no espaço nem no tempo.

Que é porém o Tempo? Na Física dá uma definição essencial de Tempo: é o número do movimento segundo o anterior e o posterior (aritmōs kinēseōs kata to proteron kai usteron).

Recordemos que “movimento” aqui deve ser entendido no sentido de “mudança” em geral e portanto de natureza tanto cíclica como linear.

Neste tempo o que conta são os “agoras”. Os “antes” e os “depois” resultam dos movimentos transcendental-imaginativos do tempo, uma vez que o tempo se subtrai a qualquer apreensão imediata. Simplesmente flui, transcorre.

A natureza transcendental-imaginativa do tempo (como lhe chama Hedwiges C-M” resulta de ser a “forma” não reflexiva, transcendental da “intuição”, na qual captamos permanentemente, em virtude da “memória” e da “expectatio” o mundo e o suceder mundano incluindo nós próprios.

Isto foi proposto como sabemos por Agostinho de Hipona, tendo Kant precisado o seu carácter transcendental.

É só porque a pessoa espiritual pode “ter” ainda imediatamente na retenção o que-já-não-é, mas que foi (ainda que não haja passado); só porque depois pode continuar a retê-lo na recordação “como passado”, e enfim porque sempre “tem” já o futuro na esperança/expectativa; só por isso há tempo imaginativo.

Há um duplo sentido para o “presente”: em primeiro lugar uma “presentidade” fixa, que se mantém independente do fluxo temporal; em segundo lugar uma “presentidade” dentro do fluxo do tempo, que antes era futuro e logo se faz passado.

A corrente temporal que flui da frente para trás, do futuro para o passado, é tão transcendental-imaginativa como o movimento do tempo que avança para o futuro.

Todo este tempo é um tempo perecível. O Universo deste instante desaparece para dar lugar a outro Universo no instante seguinte.

Heidegger chamou à temporalidade “Ekstatikon”, querendo dizer que nós estamos saindo para o Ser (ex-sistere) sempre e unicamente no preciso momento presente, e sempre “de novo”.

No domínio cosmológico Platão reconhece o carácter cíclico do espaço e do Tempo. Os movimentos rítmicos dos astros de precisão admirável, revelam a perfeição da dinâmica espiritual interna do Deus feliz.

Na periferia eónica do Mundo há que entender um “fora” do universo empírico imediato, ou um “antes” ou “depois” do tempo universal num sentido essencialmente diferente, ou seja, transfísico. Um tal tempo transfísico, está essencialmente ligado ao espaço, desaparecendo o tempo “temporal”.

A temporalidade na periferia é apenas originada de modo transcendental, sendo necessário introduzir um novo tempo no Universo, um tempo “psíquico”, de qualquer modo um “supertempo”, um “tempo eónico”.

Esta cosmovisão clássica foi aceite durante mais de 1500 anos, ainda que através de contestações isoladas que não revelavam grande consistência, particularmente o nominalismo.

Com a modernidade assiste-se à recusa global do modelo segundo um processo histórico extremamente complexo, mas que no domínio da Física se concretizou na negação das causas finais, substituindo-as pelas eficientes, e na troca do geo-centrismo pelo helio-centrismo. Galileu no campo experimental, Descartes no campo matemático e Newton no físico-matemático acabam por construir um novo Sistema do Mundo baseando-se em referenciais de três coordenadas espaciais dependentes duma variável comum, o tempo.

Tais coordenadas são puros instrumentos matemáticos e portanto facilmente tornadas absolutas (infinitas) pelo simples exercício da abstracção matemática.

As equações da nova Mecânica Racional exibiam a propriedade matemática de permanecerem as mesmas perante uma inversão do tempo ou seja, os fenómenos comportarem-se basicamente do mesmo modo do presente para o futuro como do presente para o passado.

O majestoso edifício conceptual da Mecânica Racional impôs-se à consciência ocidental durante pouco mais de um século.

A revolução mecânica acelerada pela mecânica renascentista, rapidamente deu origem à revolução industrial (a da máquina a vapor) que provocou uma profunda alteração nos quadros social, económico e político.



E na Física surgiu a primeira grande confrontação com a Mecânica newtoniana, incapaz de explicar o comportamento do vapor, impondo-se a criação duma outra Mecânica, a Estatística.

Nesta última disciplina, tal como aliás nos seres vivos, para que as propostas vitalistas iam gradualmente chamando a atenção, desaparece a reversibilidade temporal que era admitida pelas equações de Newton.

Na volta do Sec.XX duas novas disciplinas vêm contestar os dogmas newtonianos: a Física Atómica com a sua “quantificação espacio-temporal” e a Física Relativista com a recusa do tempo e espaço absolutos.

Surpreendentemente a Relatividade Geral acaba por se estruturar numa Geometrodinâmica que recupera muitas características do modelo aristotélico, e permite avançar no conhecimento dos enigmas do Tempo.

## **Tempo absoluto da modernidade**

Uma das aquisições do experimentalismo de Galileu foi a importância conferida ao tempo e à sua medida. Ele inventou novos métodos de regulação do compasso, sendo conhecido o seu recurso à música, ao escoamento de fluidos e sobretudo ao pêndulo.

O tempo que assim era associado ao movimento das estruturas materiais, ganhou rigor métrico mas perdeu o carácter vivencial psico-biológico que a definição de Aristóteles abrangia como vimos bastante satisfatoriamente.

O carácter abstracto de tal variável (o espaço era a variável dependente do Tempo) revela-se no enunciado do Princípio de Inércia, uma das glórias de Galileu, senão a maior: um corpo abandonado, a si próprio adquire um movimento rectilíneo e uniforme sem fim. Viajará num espaço sem limites, espaço absoluto, durante um tempo sem limites, tempo absoluto.

Galileu apenas estuda os movimentos, mas Newton vai mais longe e estuda entidades muito mais complexas de que é exemplo o campo gravítico, mas para isso teve de descobrir o cálculo infinitesimal, só possível devido à Geometria Analítica de Descartes.

A hipótese da gravitação universal é assumido com uma grande intuição e modéstia de tal modo que, ao propô-la, afirma não conhecer a sua verdadeira natureza e declara:

“hipoteses non fingo...”.

Com estas palavras Newton chama a atenção para um problema central da Física que acabara de criar, o da natureza da gravitação, que ainda hoje permanece, aliás complicado pelo facto de surgir posteriormente uma entidade tão complicada como a gravitação e que é o campo electromagnético.

As equações (electromagnéticas) de Maxwell, um pouco mais complicadas que as de Newton exibem como elas invariância temporal quer dizer valem do mesmo modo do presente para o futuro como do presente para o passado.

Ou seja este tempo absoluto da chamada Mecânica clássica é um tempo reversível, e recordamos, mensurável com relógios.

A figura de Newton domina majestosamente todo o Sec. XVIII e parte do XIX, foi considerado quase um deus e por isso não surpreende que tenha influenciado filósofos como Kant, que aceitou o tempo como um dado natural apodítico e o adoptou como forma a priori da sensibilidade.

O racionalismo cartesiano influenciou também a Ciência política, onde autores como Hobbes defendem a necessidade do estado autoritário face à maldade natural dos cidadãos.

Mais tarde esta perspectiva autoritária do estado é adoptada pelos déspotas ilustrados que surgiram um pouco por toda a parte no Sec. XVIII e de que Frederico II da Prússia é o mais referido.

### **Flecha do tempo contemporânea**

Como dissemos, é na própria Física que surge o primeiro grupo de fenómenos que não podem ser explicados pela mecânica newtoniana. Trata-se da evolução dos vapores e dos gases em geral, que a introdução da máquina a vapor obrigava a estudar com grande rigor. Lembremo-nos de que o segundo princípio da Termodinâmica afirmava ser possível obter trabalho duma fonte quente para uma fonte fria, mas nunca o inverso.

Mas é sobretudo Boltzmann que vem generalizar esta irreversibilidade introduzindo a noção de “entropia”, grandeza que em todas as transformações físicas ou químicas cresce sempre, necessariamente, com o tempo.

A entropia é uma medida da ordem/desordem existente entre os elementos dum sistema, por exemplo, as moléculas dum gás ou vapor, e um conceito central da nova Mecânica Estatística.



Os gases evoluem naturalmente dos estados moleculares mais organizados para os menos organizados, de igual probabilidade de ocorrência para todos os acontecimentos, e nunca em sentido contrário.

Esta Flecha do Tempo derrubava o princípio da reversibilidade temporal da mecânica newtoniana e incomodava os físicos.

Entretanto alguns investigadores dos sistemas vivos, estavam, também eles próprios, a propor a ideia duma irreversibilidade na evolução das espécies (Lamarck, 1820, Darwin, 1859), duma seta do tempo dirigida das espécies inferiores para os animais superiores.

Mas é sobretudo Bergson quem se enfrenta directamente com o problema da vida, reconhecendo nela um processo criador permanente sustentado pelo “*élan vital*” que se desenrola e se diferencia em formas sempre novas.

E eis um princípio que reconhece a criação de matéria organizada, logo de Informação, que se opõe ao princípio entrópico e que podemos designar por Princípio Negentrópico ou de criação de Informação.

A concepção do espaço e do tempo da física newtoniana é inapta para ter em conta o dinamismo e o inesperado da vida.

É a “*duração*” que fundamenta o fluxo da vida; ela é a corrente indivisível e criadora que conserva em si o que é passado e transporta o que advém.

Esta duração é apreensível na experiência interior, que exprime a qualidade pura e a intensidade dos estados de consciência.

Mas, como diz Bergson, só a “*intuição*” permite aceder à fonte criadora de *élan vital*.

O tempo vital, tempo biológico, cuja intuição nos seres inteligentes os põe na expectativa certa da própria morte, essa duração de fluxo irreprimível é superada como hoje se reconhece, por duas características biológicas fundamentais: a memória e o projecto que se fundem no conceito único de programa.

Este conceito reconcilia certas oposições fundamentais como as de Finalidade e Determinismo, necessidade e contingência ou estabilidade e variação.

A sistémica adopta também a flecha do tempo dadas as afinidades que tem com a Biologia e a Cibernética.

As sugestivas reflexões de Norbert Wiener, Edgar Morin e Abraham Moles para citar apenas alguns “*founding fathers*”, continuam a manter o maior interesse e a justificar desenvolvimentos futuros.

Sobretudo os sistemas sociais exibem hoje em dia formas de evolução inquietantes que obrigam a repensar o sentido dessa mesma evolução.

Acabamos assim por revalorizar o estudo das teleologias de tais sistemas, numa clara recuperação da posição grega face às questões fundamentais.

## **As teorias da relatividade**

Há hoje tendência a designar a primeira teoria de Einstein por Relatividade Einsteiniana e a segunda por Teoria Relativista da Gravitação tentando-se aproximar a terminologia da realidade dos conceitos.

A Relatividade Einsteiniana surge na sequência da relatividade galileica e baseia-se como se sabe na constância da velocidade da luz relativamente a qualquer referencial de inércia (movimento linear e uniforme).

Desta propriedade fundamental da luz retira-se imediatamente a conclusão de que o tempo e o espaço são relativos, e de que o tempo pode ser considerado como uma quarta dimensão perpendicular às três dimensões espaciais, ou seja:

$$ds^2 = dx^2 + dy^2 + dz^2 - c^2 dt^2$$

em que  $ds$  é o elemento de distância entre dois acontecimentos.

Esta fórmula designa-se por métrica de Minkowsky e é singularmente parecida com a métrica euclidiana, mas é diferente.

O universo de Minkowsky continua a ser um universo aberto, porém o espaço e o tempo estão fundidos em sistemas de referência já não 3-dimensionais mas antes 4-dimensionais. Temporalidade e espacialidade misturam-se aqui de modo peculiar.

Tempo e espaço são relativos, dependem do sistema em que são observados, demonstra-se que há contracção dos intervalos de espaço e dilatação dos intervalos de tempo.

A reflexão actual sobre tais constatações conduz à ideia de que contracções e dilatações não são efectivamente reais, são antes o resultado de efeitos de paralaxe de carácter aparente, resultantes da diferença de posição.

A Teoria Relativista da Gravitação tem como sabemos um carácter “geometrodinâmico”. Ela propõe alguns modelos em que o Universo é 4-dimensional fechado. Sendo fechado é finito, mas ilimitado, tal como uma superfície 2-D numa esfera 3-D.



Afirma-se que um móvel projectado em qualquer direcção deste espaço 4-D voltará ao ponto de partida ao fim dum tempo mais ou menos longo. Ele percorrerá portanto uma grande geodésica do espaço, visitando os confins do Universo e regressando ao ponto inicial.

Uma reflexão de carácter metafísico proposta pela Escola Fenomenológica de Munique onde sobressai a ontóloga Hedwig Conrad-Martius mas que engloba também Adolf Reinach e C. Prantl, incide sobre o que designam por periferia eónica do Mundo.

Esta periferia é inspirada directamente no cosmos ariatotélico, onde são suprimidas as Ideias platónicas subsistentes por si, mas em que o cosmos noetos é, de certo modo, projectado na periferia eónica do Mundo (eónico é aqui entendido como eterno).

Em Relatividade da Gravitação a periferia do Universo não é examinada suficientemente, e isto devido à chamada fuga das galáxias exteriores.

Uma vez que as galáxias que se expandem à velocidade da luz (e atingem tal velocidade a uma distância determinada pela Lei de Hubble) escapam à nossa observação, somos obrigados a considerar com efeito duas periferias do mundo.

A primeira é naturalmente a periferia correspondente ao Universo observável, onde se situam as galáxias com velocidade já muito próxima da da luz.

E a segunda periferia corresponderá aos lugares minkowskianos ocupados pelas primeiras galáxias formadas no momento primordial do “big-bang”.

A grande geodésica do espaço passará certamente por tais lugares, todos contidos no nosso espaço 4-D.

Como diz C-M tal espaço não é euclidiano, e sendo curvo necessita duma Quarta dimensão sobre que curvar-se.

Nesta união espacio-temporal o Mundo não só se ordena “espacialmente” no espaço, mas sobretudo “tempo-espacialmente”.

Ao concebermos esta união espacio-temporal conferimos ao universo a constituição ôntica de “universo estático”, desaparecendo por isso onticamente o “tempo temporal”.

No entanto é difícil aceitar tal concepção estática do espaço e do tempo, que sugere um universo cíclico no espaço e no tempo de índole platónica.

Conrad-Martius propõe um modelo que facilita a visualização da relação entre o espaço e o tempo 4-D.

Quando nos referimos ao tempo perecível dissemos que o Universo de cada instante se aniquila, para dar lugar a outro Universo no instante seguinte.

Isto só poderá explicar-se admitindo que há princípios potenciais que reactualizam continuamente o Universo, segundo um processo supra-físico contínuo e imparável, e transcorrendo com absoluta regularidade, capazes de fundar o “existir-sempre-re-novado” (*immer-wieder-neu-Dasein*).

A trajectória segundo a qual se avizinham as potências fundantes do mundo teria que ser representada como uma nova dimensão, a qual se adicionaria às dimensões do espaço total 4-D do Universo. Como fazê-lo?

É evidente que a periferia 4-D do Mundo não pode, ela mesma, ser representada em forma 3-D como poderíamos comprovar se pudéssemos afastar-nos suficientemente (analogia com a superfície 2-D no espaço 3-D), entre outras razões porque a métrica de Minkowsky é diferente da métrica euclidiana.

O processo ôntico em que o mundo progride real e temporalmente de um quanta de ser a outro, está radicado num movimento das potências actualizantes do mundo, que se realiza numa trajectória transfísica, a qual enquanto tal, existe numa dimensão “supratemporal” do mundo.

Imaginemos o mundo espacial, depois de lhe subtrair uma dimensão, como uma esfera estática de três dimensões.

Como a dimensão supratemporal do tempo teria que supor-se perpendicular às quatro dimensões anteriores, tal tempo na sua totalidade teria a forma de uma parede cilíndrico-toroidal que resvala incessantemente sobre o corte do instante actual do Mundo 4-D.

Cada corte transversal do cilindro-toro correspondente ao plano do universo significaria um momento temporal da actualidade do Mundo.

A classe de “movimento” que realiza o supertempo para produzir o tempo temporal, só pode ser um movimento contínuo em oposição essencial ao movimento real descontínuo do nosso tempo.

Na dimensão supratemporal em que se movem as potências de actualização do Mundo não existe “mudança de ser”, pois o actualizante não pode caber dentro duma “potencialidade”.

Ele próprio é, assim, pura potencialidade e é a partir dele, e graças a ele, que se realiza o mundo.

Por isso encontramos a necessidade de supor um processo imparável de movimento, numa direcção de pura potencialidade.



## **O supertempo eónico**

Podemos tentar analisar este tempo eónico do ponto de vista da Relatividade física, tendo o cuidado de não esquecer que Conrad-Martius lhe atribui um carácter de “tempo psíquico” do mundo, seguindo uma proposta de Alois Wunzl.

É um tempo estranho, mas não nos incomoda mais do que o tempo 4-D, considerado uma dimensão “imaginária” relativamente às dimensões do 3-D. O resultado de englobar o tempo 4-D imaginário na métrica minkowskiana é sermos obrigados a lidar com o conhecido “cone” do tempo que autores como Stephen Hawking e Roger Penrose analisam exaustivamente.

A introdução do tempo eónico 5-D deverá produzir segundo C-M não um cone mas um cilindro, o que só poderá ser feito se ele não for uma “dimensão” da mesma natureza do tempo 4-D mas sim assumir um carácter de “parâmetro” matemático essencialmente descontínuo, definindo não um mas uma variedade de cilindros.

$$ds^2 = dx^2 + dy^2 + dz^2 - c^2 dt^2 - k^2 du^2$$

Neste aspecto é difícil conciliar o tempo 5-D da métrica da Relatividade com o supertempo eónico contínuo de C-M.

Surpreendentemente porém é fácil conciliar a ideia dum supertempo paramétrico (que não agradaria a C-M) com as propostas de alguns teólogos contemporâneos, como por exemplo Garrigou-Lagrange.

Porque para este a “eviternidade”, ou seja a projecção temporal de vida das almas separadas é constituída por “momentos” de natureza psicológica que podem equivaler a diferentes “tempos temporais”, tratando-se de vivências descontínuas.

Mas a proposta de C-M do tempo eónico ter de ser perpendicular ao Universo 4-D tem uma interessante implicação, que não deixa de ser por ela aproveitada.

Com efeito se a uma dimensão única acrescentarmos uma 2-D perpendicular, ao longo desta pode-se observar a primeira em toda a sua entidade, basta afastar-nos suficientemente.

O mesmo se passa com uma 3-D relativamente ao plano definido pelas anteriores, e assim sucessivamente.

O que quer dizer que dum tempo 5-D é possível observar o universo 4-D em toda a sua entidade, incluindo o tempo 4-D todo inteiro, passado e futuro incluídos.

E é aqui que C-M fundamenta a sua explicação para os fenómenos de “vidência temporal”, como lhe chama, e que mostra conhecer bem no seu tempo.

Esta área de investigação continua a ter hoje o mesmo interesse que então, evidenciando-se nestes domínios o Stanford Research Institute.

Há uma questão à qual C-M não resiste, e que é o anúncio do apóstolo João dum “novo céu e duma nova terra” no fim dos tempos.

“Com um novo céu e uma nova terra” o tempo tem que tornar-se também “novo”, quer dizer eónico. A nova criação do universo não terá nenhum “espaço” no tempo temporal, porque enquanto eónico-temporal tal universo chega a ser totalmente presente a si mesmo.

Eternidade não significa duração temporal infinita, porque o novo mundo eónico realizado e real “in corpore”, não é já temporalmente temporal.

## **Tempo e subjectividade**

O tema do tempo é árido e difícil acabando sempre por suscitar, quando o assumimos, um desagradável estado de impotência intelectual.

Claro que o mesmo se passa quando queremos analisar o nosso próprio Ego, com a consciência da sua consciência, o seu auto-conhecimento, o seu auto-governo e a sua auto-posseção. O que é o Ego exactamente não pode ser jamais atingido por qualquer estado consciente do Homem.

Ora o tempo é uma condição fundamental da vida do Ego. Não se podem separar o tempo e a subjectividade.

Como diz Heidegger, o Dasein encontra a sua unidade no tempo, e mais, é um Ser para a Morte: “Sein zum Tod”.

Tempo perecível de Heidegger ou tempo cíclico de Nietzsche revelam afinal que se mantêm ainda hoje interrogações em aberto.

Como refere Anne-Marie Nicot do MCX de Aix, a certeza da morte cria um abismo sempre presente no coração do sujeito.

As propostas de C-M ajudam-nos a vencer este abismo, ensinando-nos que há muitos “tempos” e nalguns deles (ou nalgum) é possível uma vida fora do tempo deste mundo – com uma projecção física (ou supra-física) certamente diferente da situação actual.



Com a ajuda desta pouco conhecida ontóloga justifica-se uma “expectatio” positiva, quase optimista sobre o tempo.

Tal como o veado místico contempla com os seus belos olhos, cheios de amor, as vicissitudes da alma enamorada, também já agora Conrad-Martius contempla directamente o Universo e conhece a exactidão dalgumas das suas ousadas hipóteses, mas também a falta de rigor e de inadequação doutras, como é próprio da frágil condição humana.

### **Considerações finais**

O Tempo constitui hoje, como sempre, uma interrogação que como outras resiste à Ciência e à Filosofia. Tentámos neste trabalho uma abordagem unificada a partir destes dois domínios, característica aliás do pensamento antigo mas agora envolvendo a Física Clássica, a Relatividade, a Biologia e a Sistémica actuais.

Mas a principal atenção incidiu sobre os modelos do Universo, que hoje em dia já não exibem a simplicidade do Sistema do Mundo newtoniano.

Tentámos apresentar o pensamento da ontóloga Conrad-Martius de modo sucinto, o que se revelou difícil dentro dos limites que impusemos a este trabalho.

Todavia aquilo que escolhemos para apresentar a sua proposta metafísica, cremos que é susceptível de atrair a atenção de muitos outros investigadores em diferentes domínios.

A abordagem de temas teológicos não poderia deixar de ser feita, dado o espaço que na obra de C-M ela lhes dedicou, e que se justifica dada a posição intelectual da autora.

A meditação sobre o tempo leva-nos sempre, por fim, a revalorizar a nossa natureza intelectual que pode ultrapassar as limitações da sensibilidade e da temporalidade pelo exercício da inteligência, apoiada na imaginação e na memória.